

BRINCARES INSURGENTES E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO INTERNACIONAL EM ARTE E EDUCAÇÃO

INSURGENT PLAY AND GENDER STEREOTYPES: REFLECTIONS FROM AN
INTERNATIONAL INTERNSHIP IN ART AND EDUCATION



Débora da Rocha Gaspar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6147-9241>

Universitat de Girona, Girona, España.

Contato: debora.gaspar@udg.edu



Maria Rejsek Graells

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4077-5251>

Universitat de Girona, Girona, España.

Contato: rejsek.graells@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a experiência de estágio supervisionado realizada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2025, desenvolvida por uma estudante do curso de Educação Infantil e Anos Iniciais com habilitação em Artes Visuais da Universidade de Girona (Espanha). A investigação teve como objetivo identificar estereótipos de gênero nas brincadeiras livres da Brinquedoteca Escolar e refletir sobre como práticas artísticas podem problematizá-los. A experiência foi conduzida a partir de uma abordagem a/r/tográfica, articulando os papéis de artista, docente e pesquisadora, além de integrar observação, criação e mediação pedagógica. Como desdobramento, foi elaborada uma instalação artística participativa, concebida como dispositivo estético de mediação e posteriormente apresentada em uma exposição no Espaço Estético do CA-UFSC. Os resultados indicam que a proposta favoreceu a problematização crítica de estereótipos, ampliou as formas de brincar e de se expressar das crianças, e proporcionou à estagiária aprendizagens significativas sobre docência decolonial, sensibilidade cultural e construção de uma identidade docente crítica, criativa e comprometida socialmente.

Palavras-chave: Gênero; Infância; Docência Decolonial; A/R/Tografia; Brinquedoteca.

Abstract: This article presents the experience of a supervised internship carried out at the Colégio de Aplicação of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in 2025, developed by a student of Early Childhood and Elementary Education with a specialization in Visual Arts from the University of Girona (Spain). The research aimed to identify gender stereotypes in the free play activities of the School Toy Library and to reflect on how artistic practices can problematize them. The experience was conducted through an a/r/tographic approach, intertwining the roles of artist, teacher, and researcher, while integrating observation, creation, and pedagogical mediation. As an outcome, a

participatory art installation was created, conceived as an aesthetic mediation device, and later presented in an exhibition at the CA-UFSC Aesthetic Space. The results indicate that the proposal fostered critical questioning of stereotypes, broadened children's ways of playing and expressing themselves, and provided the intern with meaningful learning about decolonial teaching, cultural sensitivity, and the construction of a critical, creative, and socially committed teaching identity.

Keywords: Gender; Childhood; Decolonizing Pedagogy; A/R/Tography; Brinquedoteca.

Introdução

A arte, no contexto escolar, constitui-se como uma prática formativa e formadora capaz de ampliar modos de ver, sentir e participar no mundo. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) afirma que o ensino de Arte deve promover experiências estéticas que articulem criação, apreciação e reflexão, garantindo às crianças o direito à expressão e ao diálogo com diferentes culturas. Este artigo nasce de uma experiência pedagógica realizada durante um estágio internacional no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA-UFSC), no Brasil, onde o brincar, entendido como prática cultural e simbólica (Peters, 2009), foi explorado como território de produção e disputa de significados sobre gênero.

A vivência ocorreu em diferentes espaços estéticos da instituição e na brinquedoteca escolar, compreendida, segundo Leila Peters (2009), como um espaço pedagógico que valoriza o brincar livre e criativo, promovendo o desenvolvimento integral e a expressão infantil. Essa experiência permitiu acompanhar como objetos, cores e narrativas são associados ao universo “feminino” ou “masculino”. Ao mesmo tempo, emergiram brincadeiras que subvertiam essas normas, aproximando-se da noção de gênero como performatividade (Butler, 1990), sempre aberta à repetição e à transformação.

A pesquisa insere-se na perspectiva da a/r/tografia (Irwin et al., 2006), que integra os papéis de artista, pesquisadora e docente. Esse enquadramento permitiu compreender os registros fotográficos, a instalação artística e a exposição final não apenas como documentação, mas como processos de produção de conhecimento. A Abordagem Triangular (Barbosa, 2010) sustentou a estrutura pedagógica, articulando apreciação, contextualização e criação.

O estágio envolveu também um deslocamento intercultural importante: uma estudante europeia atuando em uma escola brasileira. Esse encontro mobilizou reflexões decoloniais (Paiva, 2021; Maura, 2019), que defendem práticas educativas sensíveis às diferenças e ao território. Assim, este artigo analisa como práticas artísticas podem problematizar estereótipos de gênero no brincar infantil e refletir sobre seus efeitos nas crianças e na formação docente.



Fundamentação teórica

Arte e educação na BNCC e na Abordagem Triangular

Respeito ao ensino de Arte, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),(Brasil, 2018) apresenta um componente específico, denominado “Currículo de Arte”, que busca garantir o acesso dos estudantes às diversas linguagens artísticas como direito formativo, valorizando a sensibilidade, a criatividade e a expressão estética (Brasil, 2018, p. 193). Nesse cenário, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) propõe um ensino que articula apreciação, contextualização e criação, permitindo uma leitura crítica das imagens e a produção autoral. No presente estudo, esses eixos fundamentaram as práticas pedagógicas e ajudaram a organizar as sessões em torno de observação, diálogo e ação estética.

A/r/tografia

A a/r/tografia (Irwin et al., 2006) compreende a docência como uma prática que articula, de forma simultânea, os papéis de artista, pesquisador e professor. Essa abordagem valoriza os processos e as relações cotidianas como modos de produzir conhecimentos. No contexto do estágio, a fotografia, bem como a criação de uma instalação artística e pedagógica e a organização de uma exposição atuaram como dispositivos pedagógicos e instrumentos de pesquisa que tornaram visíveis tensões e possibilidades presentes nas brincadeiras.

Gênero, infância e brincar

O brincar configura-se como um espaço social no qual significados culturais são simultaneamente reiterados e reinventados (Brougère, 2010). Objetos, cores e gestos associados ao feminino e ao masculino refletem expectativas sociais que atravessam as interações infantis. Pesquisas apontam que os estereótipos de gênero permeiam tanto os pátios escolares (Saldaña, 2018) quanto as brinquedotecas (Peters, 2009). No entanto, alinhados à concepção de gênero como performatividade proposta por Judith Butler (1990), compreendemos que essas normas podem ser deslocadas ao romper, tensionar e desestabilizar expectativas hegemônicas. Dessa forma, o brincar se torna um espaço privilegiado de resistência, criação e invenção.

Perspectivas decoloniais na formação docente

Pensar a formação docente implica reconhecer a persistência da colonialidade nos saberes e práticas educativas (Paiva, 2021). No contexto educativo, Maura (2019) defende epistemologias situadas e plurais, que valorizem experiências de práticas locais. O estágio internacional evidenciou o encontro entre diferentes realidades culturais e exigiu da estagiária uma postura crítica diante de expectativas eurocêntricas, ampliando o olhar sobre infâncias e práticas pedagógicas brasileiras.

Metodologia

Abordagem da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, interpretativa e de inspiração a/r/tográfica, entendendo que, conforme Irwin et al. (2006), investigar por meio da a/r/tografia implica articular criação, docência e reflexão, produzindo conhecimento a partir da experiência situada. Esse enquadramento metodológico mostrou-se adequado para o tratamento do objeto de estudo — as performatividades de gênero que emergem no brincar —, pois exige atenção às dimensões corporais, relacionais, estéticas e sensíveis, as quais não podem ser plenamente captadas por métodos exclusivamente estruturados.

Contexto e participantes

A investigação foi realizada ao longo de quatro meses no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA-UFSC), em Florianópolis. A proposta pedagógica foi desenvolvida com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental. Participaram cerca de 60 crianças, distribuídas em três turmas de aproximadamente 20 estudantes cada, com ampla diversidade socioeconômica, cultural e de gênero, incluindo alunos com necessidades educacionais especiais.

O Colégio de Aplicação, vinculado à UFSC, atua como campo de estágio para cursos de licenciatura e desenvolve projetos de pesquisa e extensão universitária. Entre eles, destaca-se o Laboratório de Brinquedos (LABRINCA), coordenado pela professora e pesquisadora Leila Lira Peters, cuja missão é promover a cultura do brincar infantil e contribuir para a formação de educadores. A escolha do tema desta proposta está diretamente relacionada a um estudo do LABRINCA sobre estereótipos de gênero no brincar.

Já o Espaço Estético do Colégio de Aplicação, inaugurado em 1998 e idealizado pela professora e pesquisadora Fabíola Cirimbeli Búrigo Costa, constitui um projeto permanente dedicado à alfabetização visual e à educação estética. Esse espaço foi utilizado para a realização da exposição resultante da proposta pedagógica, funcionando como um ambiente especialmente adequado para a apresentação, apreciação e reflexão das produções das crianças.

O estágio foi realizado em sala de aula, na brinquedoteca — que integra o projeto LABRINCA — e no Espaço Estético, possibilitando uma intervenção pedagógica alinhada às pesquisas e discussões sobre práticas lúdicas, questões de gênero e arte.

Objetivos

- Identificar os estereótipos de gênero presentes no brincar infantil.
- Propor práticas artísticas que promovam reflexão crítica e favoreçam a criação de novas narrativas.

- Analisar de que modo os processos estéticos podem contribuir para o deslocamento das normas de gênero.
- Refletir sobre o impacto da experiência na formação docente da estagiária.

Procedimentos de coleta de dados

Para contemplar a natureza multifacetada do brincar, os dados foram coletados por meio de cinco procedimentos complementares.

a) Observação participante

A observação participante foi adotada porque a performance de gênero — entendida, na perspectiva de Butler (2003), como repetição normativa e possibilidade de ruptura — manifesta-se de modo privilegiado na ação espontânea. Uma observação exclusivamente estruturada limitaria a compreensão das corporalidades, das disputas e alianças, das trajetórias espaciais e das formas de engajamento e resistência. Na a/r/tografia, como afirmam Springgay et al. (2007), o conhecimento emerge do *estar com*, e não apenas do *observar*. Assim, a presença ativa da pesquisadora permitiu captar nuances que seriam invisíveis em métodos mais distanciados.

b) Diário de campo

O diário de campo funcionou como registro sensível e dispositivo reflexivo, alinhado ao que Irwin, (2006) define como escrita de mediação interpretativa e ao princípio a/r/tográfico do “pensar-fazendo”. Ele permitiu documentar elementos não captáveis por imagem, tais como tensões entre normas e desejo, estratégias de resistência simbólica e efeitos do ambiente e da mediação docente. Em um estudo sobre gênero — no qual grande parte das aprendizagens se transmite de forma implícita — tais registros mostraram-se essenciais.

c) Registros fotográficos

Os registros fotográficos foram produzidos como parte da prática a/r/tográfica da pesquisadora, atuando simultaneamente como documentação das atividades e propostas realizadas em sala, observação das dinâmicas de jogo na brinquedoteca e material artístico que integrou, junto às produções das crianças, a exposição final. À luz de Irwin, compreende-se a imagem como dado performativo, capaz de produzir sentidos e não apenas ilustrá-los. Assim, as fotografias foram utilizadas para analisar arranjos espaciais, gestos, posturas e reorganizações realizadas pelas crianças, além de comporem o processo criativo da instalação e da mostra. A opção por não registrar rostos fundamenta-se em princípios éticos de proteção de menores e em uma escolha estética e política que desloca a atenção do sujeito individual para as relações, os gestos e a espacialidade.

d) Produções visuais das crianças

As produções visuais foram recolhidas por metarializarem formas de imaginar, reinterpretar e subverter normas de gênero. Diferentemente do que ocorre na observação in loco, as imagens produzidas pelas crianças revelaram narrativas internas, deslocamentos simbólicos, representações de si e do outro e modos próprios de reorganizar o mundo.



Com o intuito de apresentar todas as atividades desenvolvidas durante a situação de aprendizagem, a estagiária decidiu elaborar um ensaio fotográfico que serviu como registro e vitrine do trabalho realizado em sala de aula. A mostra também lhe permitiu coletar dados e registrar observações provenientes tanto da brinquedoteca quanto da sala de aula, posteriormente incorporadas ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O ensaio completo está disponível em:

<https://www.canva.com/design/DAGnO89Mscl/nuPIDq1SZb4XDQZnzDI--Q/edit?utm_content=DAGnO89Mscl&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton>. Acesso em: 22 set. 2025

Essa escolha dialoga com a Abordagem Triangular (Barbosa, 2010), que reconhece a produção como forma de pensamento crítico e criação de sentidos.

e) Falas espontâneas

As falas infantis emergiram predominantemente durante a ação, e não em entrevistas formais, o que reforça a natureza performativa do brincar. Optou-se por registrá-las no diário de campo, preservando a espontaneidade da infância, o caráter lúdico das interações e uma ética que evita a exposição excessiva das crianças. Além das manifestações ocorridas nas brincadeiras, as sessões em sala de aula incluíram dinâmicas de debate e diálogo coletivo, possibilitando que os estudantes expressassem, desde o primeiro encontro, suas ideias e posicionamentos. Dessa forma, foi possível acompanhar a evolução de seus modos de pensar, bem como as diferentes opiniões que emergiram ao longo das atividades, configurando um conjunto discursivo fundamental para compreender como as próprias crianças negociavam normas e resistências.

Procedimentos de análise de dados

A análise foi orientada por três eixos teórico-metodológicos articulados, definidos de modo a possibilitar uma leitura coerente com a natureza estética, simbólica e performativa dos dados.

O referencial de Butler (2003) sustentou a interpretação das práticas corporais observadas no brincar, permitindo identificar tanto repetições que reforçam normas de gênero quanto rupturas, resistências e deslocamentos que tensionam tais expectativas. Esse aporte teórico contribuiu para compreender hesitações, negociações e modos pelos quais as crianças habitam e simultaneamente desestabilizam categorias normativas. A escolha desse marco justifica-se pelo fato de o brincar constituir um campo privilegiado para observar performatividades emergentes, nas quais gestos, posturas e ações corporais produzem e reconfiguram sentidos de gênero.

A análise dialogou ainda com a Abordagem Triangular proposta por Barbosa (2010), articulando a leitura de imagens — como desenhos, fotografias e colagens — à contextualização dos discursos, estereótipos e referências da cultura visual que atravessam as relações de gênero, bem como à produção artística realizada pelas crianças, especialmente nos exercícios de criação e na instalação expositiva. Esse modelo não foi aplicado de forma linear, mas como lente interpretativa dos processos cognitivos e estéticos



mobilizados pelas crianças ao enfrentar, tensionar e ressignificar questões de gênero.

O aporte a/r/tográfico (Irwin, 2006; Springgay, 2007) permitiu aprofundar a compreensão das relações entre corpo, espaço e materiais, evidenciando o papel da pesquisa-criação no percurso investigativo e a presença da pesquisadora como artista e professora. Essa perspectiva mostrou-se pertinente porque a investigação mobilizou instalações, práticas artísticas participativas e registros fotográficos, produzindo dados que ultrapassam o texto e demandam uma leitura sensível e situada das ações e materialidades presentes no brincar.

A pesquisa seguiu integralmente as normas éticas institucionais e a legislação brasileira, especialmente a Resolução CNS nº 510/2016 para pesquisas em Ciências Humanas, adotando medidas como a não utilização de gravações de vídeo ou áudio, a restrição do registro fotográfico quando pudesse identificar crianças, a anonimização completa das falas, e a obtenção de autorização institucional para o uso de imagens e espaços. A apresentação da pesquisa como atividade pedagógica evitou constrangimentos e assegurou participação voluntária. Para além do cumprimento legal, essas escolhas configuram um posicionamento estético-político voltado à preservação da infância como território de liberdade, evitando a fixação de identidades ou a exposição de vulnerabilidades.

Análise dos dados

A análise seguiu princípios da a/r/tografia, combinando descrição sensível, diálogo com registros fotográficos, escuta das vozes infantis e articulação constante com o referencial teórico. Foram consideradas evidências de reprodução e de ruptura de estereótipos de gênero, assim como os modos pelos quais as crianças ressignificaram elementos da cultura visual e das práticas corporais que emergiram no brincar.

Resultados e análise

Sessão 1. Contextualização

A primeira atividade consistiu na apresentação de imagens de brinquedos dispostas em círculo no chão da sala de aula. Cada criança escolheu uma dessas imagens e a colocou na própria testa, simulando o brinquedo e movimentando-se conforme imaginava seu uso. Em seguida, realizou-se uma classificação coletiva dos brinquedos, considerando critérios como cores, tipo de movimento, função (cuidado ou construção), representação de superpoderes ou sentimentos e público-alvo presumido (meninos, meninas ou todos). A análise dessas imagens evidenciou associações rígidas entre cores, gestos e papéis atribuídos aos brinquedos. As crianças das três turmas categorizaram diversos objetos como “de menina” ou “de menino”, corroborando estudos como os de Brougère (2010). Entretanto, também emergiram deslocamentos: algumas crianças posicionaram-se no centro da sala para enfatizar que “não deveria haver diferenças entre meninos e meninas”.



A leitura do livro *Coisa de Menino* (Ferrari, 2020) ampliou a discussão, provocando reflexões sobre as limitações impostas pelas normas sociais e possibilitando tensionar classificações previamente naturalizadas.

Sessão 2. Leitura de imagens e colagens críticas

Realizou-se, inicialmente, a observação de imagens da cultura visual e de obras de arte, buscando identificar estereótipos de gênero presentes em vestimentas, gestos e representações sociais. Em duplas, as crianças elaboraram colagens nas quais redesenharam personagens históricos e imaginários, atribuindo-lhes novas roupas, acessórios ou características, com o objetivo de questionar e subverter normas de gênero. A atividade evidenciou, de um lado, a naturalização de gestos, cores e vestimentas de gênero no cotidiano infantil; de outro, permitiu a emergência de deslocamentos simbólicos significativos. Observou-se que o Grupo C apresentou maior autonomia criativa e maior abertura para combinações inesperadas, enquanto os demais grupos mantiveram, ainda que parcialmente, convenções hegemônicas de gênero, em consonância com o que Butler (1999) discute sobre a força reiterativa das normas.

Figura 1 – Criações artísticas dos alunos das Aulas B e C



Fonte: Maria Rejsek (2025).

[Descrição da imagem] Apresentam-se quatro desenhos realizados pelos estudantes das turmas B e C. O primeiro mostra triângulos em tom de amarelo queimado que remetem a montanhas ou pirâmides, com a colagem de uma figura masculina de corpo inteiro e outras cabeças sobrepostas. O segundo apresenta um fundo preenchido por corações contornados em azul-royal e pintados com caneta fluorescente, estrelas azuis, uma pequena figura humana desforme, uma cruz em azul fluorescente e linhas não figurativas. O terceiro combina a cabeça da marquesa de Pompadour — retirada do célebre retrato de François Boucher (1756) — com um corpo formado por recortes de roupas contemporâneas; ao fundo, destacam-se uma superfície roxa,

um retângulo laranja e uma tabela lateral com pontos azuis em colunas alternadas entre cores e branco. [Fim da descrição].

Sessão 3. Leitura e tensões familiares

A leitura de *Aninha e João* (MINERS; YNE, 1999) apresentou uma família cujos papéis de gênero restringiam a rotina das crianças. Após a leitura, realizou-se uma discussão coletiva sobre desigualdades familiares e estereótipos de gênero. As crianças criticaram tanto as atitudes dos pais quanto as dos protagonistas, demonstrando identificação com a narrativa e capacidade de refletir criticamente sobre as normas de gênero ali representadas. Em seguida, foram convidadas a produzir um desenho ou um pequeno texto sobre o aspecto da história que mais lhes chamou a atenção. A maioria optou pela produção visual, representando cenas de ruptura dos papéis tradicionais, como meninas subindo em árvores e meninos desempenhando tarefas domésticas. Essas representações reforçam a apropriação crítica da narrativa e evidenciam a emergência de deslocamentos simbólicos no modo como as crianças pensam e reinventam os papéis de gênero.

Figura 2 – Desenho da Tensão da Aluna X, Grupo C

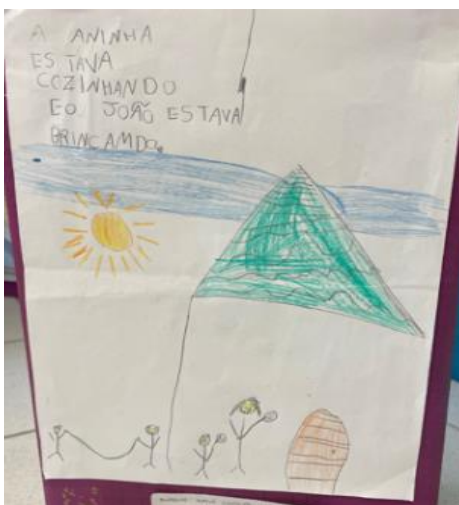


Fonte: Maria Rejsek (2025).

[Descrição da imagem] Apresenta-se um desenho de um aluno da turma C, realizado em uma folha A4 branca, na posição vertical, dividida ao meio por uma linha traçada a lápis. À esquerda, encontra-se a figura feminina, desenhada em amarelo; à direita, a figura masculina, igualmente representada apenas com lápis amarelo. No

centro da composição, um emaranhado de linhas parece difuminar a fronteira que separa as duas figuras.[Fim da descrição].

Figura 3 – Desenho da Representação do Jogo do Aluno X, Grupo A



Fonte: Maria Rejsek (2025).

[Descrição da imagem] Apresenta-se um desenho de um aluno da turma A, no qual, na parte superior esquerda, lê-se a frase: “A Aninha estava cozinhando e o João estava brincando”. Logo abaixo da escrita, observa-se uma faixa horizontal de aproximadamente 3 cm pintada de azul de ponta a ponta, representando o céu. Sobre esse fundo, à esquerda, aparece um sol amarelo, e, à direita, o telhado de uma casa em formato triangular, também pintado de azul e preenchido por uma textura de linhas horizontais retas e onduladas alternadas, simulando telhas. Na parte inferior direita, dois bonecos-palito brincam de pular corda; já em frente à casa, ao lado da porta laranja com textura de linhas horizontais, encontram-se duas figuras de tamanhos diferentes, cada uma com círculos nas mãos que parecem pratos. [Fim da descrição].

Figura 4 – Desenho da personagem Aninha do Aluno X, Grupo B



Fonte: Maria Rejsek (2025).

[Descrição da imagem] Apresenta-se um desenho de um aluno da turma B, realizado em uma folha branca A4. No centro da composição, vê-se o busto de uma figura com cabelo chanel preto e boca entreaberta. À direita da personagem, aparecem três balões de fala com as seguintes frases: “Também quero andar no

escuro como o João”; “Eu também quero subir nas árvores”; e “Eu quero ser navegante de avião”. [Fim da descrição].

Sessão 4. Instalação artística e transformação da brinquedoteca

Foi criada uma instalação artística na brinquedoteca utilizando caixas para dividir o espaço em “zona rosa” e “zona azul”, representando papéis de gênero tradicionais. As crianças foram convidadas a interagir com o espaço, podendo derrubar ou reorganizar os brinquedos e transformar a divisão conforme suas escolhas. A forma de participação de cada grupo evidenciou diferentes níveis de ruptura em relação às normas de gênero:

- Grupo A: derrubou o muro, porém manteve associações estereotipadas entre brinquedos e gênero.
- Grupo B: reorganizou o espaço de forma mista após mediação docente, revelando abertura gradual para deslocamentos simbólicos.
- Grupo C: criou coletivamente um ambiente lilás, não binário, ressignificando o espaço e questionando a lógica binária inicial.

A instalação demonstrou como o espaço físico pode funcionar como mediador simbólico — introduzindo, reforçando ou desafiando normas sociais — conforme proposto por Malaguzzi (1998). A atividade permitiu observar, de maneira situada e performativa, distintos níveis de ruptura, criatividade e negociação entre os grupos.

Sessão 5. Exposição fotográfica e participação social: Brincar além dos muros

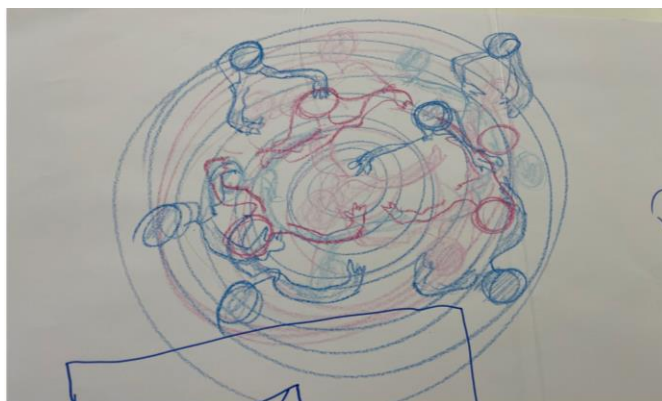
A exposição apresentou fotografias das atividades, das instalações e das produções das crianças, possibilitando que se reconhecessem a si mesmas e aos colegas nas obras. A abertura contou com a participação ativa dos estudantes, que explicaram o que haviam aprendido ao longo das sessões, promovendo um processo de interiorização do conhecimento e de reflexão sobre suas próprias experiências.

A presença de professoras de Artes, da extinta Rede Arte na Escola do Colégio de Aplicação da UFSC, também enriqueceu o evento, trazendo contribuições relevantes e oferecendo diferentes pontos de vista, o que ampliou o diálogo pedagógico entre crianças, docentes e visitantes.

O mural participativo configurou-se como um espaço de síntese e expansão, no qual crianças, professores e professoras registraram comentários sobre a experiência e os aprendizados observados. Mensagens como “meninos e meninas podem brincar de tudo” evidenciaram o impacto das atividades e permitiram avaliar a percepção tanto dos participantes quanto do público visitante.

A mediação com a comunidade escolar reforçou a dimensão pública da aprendizagem e destacou o potencial político da arte para promover reflexão crítica, equidade de gênero e participação coletiva.

Figura 6 – Desenho de uma professora visitante durante a abertura da exposição.



Fonte: Maria Rejsek, CA-UFSC (2025).

[Descrição da imagem] Desenho realizado em folha branca A3, utilizando lápis de cera nas cores azul e vermelho. A composição apresenta diversas figuras humanas esquematizadas em forma circular, dispostas em movimento ao redor de um centro comum, sugerindo interação e conexão. Linhas concêntricas reforçam a ideia de centralidade e coletividade. [Fim da descrição].

Figura 7 – Colagem de fotografias da abertura da exposição



Fonte: Maria Rejsek, CA-UFSC (2025).

[Descrição da imagem] Apresentam-se 6 fotografias da exposição Brincar Além dos Muros realizada no Espaço Estético do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. A imagem 9 apresenta três cubos sobrepostos, nas cores rosa e azul, que servem de suporte para os desenhos dos estudantes desenvolvidos na sessão. Na imagem 10 aparece a professora da turma A apontando para um dos desenhos e os estudantes observando a mediação da docente. Já na imagem 11 observa-se na entrada do Espaço Estética um grupo de estudantes do curso de pedagogia com a curadora da exposição fazendo a mediação. Na imagem 12, duas crianças estão observando as fotos da instalação artística desenvolvida na Brinquedoteca. A imagem 13 apresenta em primeiro plano a curadora fazendo a mediação com um grupo de

crianças. E finalmente na imagem 14 observa-se duas crianças interagindo com uma das obras da exposição. [Fim da descrição].

Discussão e conclusões finais

O percurso desenvolvido evidenciou que práticas artísticas podem tornar visíveis e questionar estereótipos de gênero presentes no brincar infantil. As sessões revelaram tanto movimentos de reprodução quanto gestos de ruptura, mostrando que as crianças são capazes de refletir, criar e transformar significados quando dispõem de oportunidades e de mediação adequada.

A experiência constituiu um desafio intercultural, linguístico e pedagógico, exigindo abertura para aprender com o contexto brasileiro. A instalação, a exposição fotográfica e a mediação com as crianças contribuíram para consolidar a identidade docente da estagiária como a/r/tógrafa, articulando criação, investigação e ensino.

Como limitações, destacam-se o tempo reduzido do estágio e a complexidade de intervir em práticas profundamente enraizadas. Sugere-se que futuras propostas ampliem o diálogo com famílias, outros docentes e a comunidade escolar como um todo.

Conclui-se que o brincar, aliado à arte e a uma pedagogia sensível, constitui ferramenta potente para promover equidade, escuta e liberdade de expressão. As sementes plantadas nas crianças — e na formação da própria professora — permanecem abertas a novos desdobramentos.

Durante o desenvolvimento das sessões, a proposta pedagógica concebida e implementada em Florianópolis representou um desafio significativo, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Posicionar-se como futura professora em um país de língua diferente e trabalhar uma temática sensível, como os estereótipos de gênero, especialmente no atual contexto político brasileiro — marcado por tensões conservadoras, particularmente no estado de Santa Catarina — exigiu uma postura corajosa, reflexiva e adaptável.

Apesar das dificuldades iniciais relacionadas à gestão do grupo e à barreira linguística, considera-se que o impacto das propostas foi significativo. Por meio de dinâmicas artísticas e participativas, rodas de conversa e uso de recursos literários, as crianças começaram a nomear e representar ideias muitas vezes implícitas em seu imaginário, como o que define um brinquedo “de menina” ou “de menino”. Esse processo provocou questionamentos espontâneos e permitiu que algumas crianças se posicionassem criticamente, como no caso de uma aluna que afirmou que o mais importante era “*fazer o que ele gostava*”, e não “*o que as regras mandam*”. Tais reflexões revelam um impacto transformador da proposta, especialmente relevante em uma sociedade onde o debate sobre gênero e identidade ainda encontra resistências.

As respostas das crianças evidenciaram uma diversidade de posicionamentos, demonstrando que a proposta não apenas identificou estereótipos, mas também criou um espaço seguro para refletir sobre eles, expressar-se e escutar o outro. Esse ambiente de diálogo foi essencial para romper silêncios e legitimar experiências muitas vezes

invisibilizadas. Vale destacar que, na primeira sessão, algumas crianças posicionaram-se no centro da dinâmica afirmando o desejo de que “não haja diferenças”, gesto que expressa um posicionamento ético de grande relevância.

Por outro lado, a instalação artística e o jogo colaborativo evidenciaram desafios relacionados à autonomia e à cooperação entre as crianças. Essa constatação levou a estagiária a ressignificar seu olhar sobre o papel docente e sobre o próprio grupo. A partir de expectativas moldadas por sua formação e experiências culturais anteriores, compreendeu a importância de construir a prática a partir do que é significativo para aquele contexto específico. O choque cultural, longe de produzir frustração, converteu-se em impulso para desenvolver estratégias mais sensíveis e adaptativas, tanto no planejamento quanto na prática pedagógica.

Destaca-se, nesse processo, uma aprendizagem associada a uma postura decolonial, na medida em que a bagagem eurocêntrica da estagiária foi confrontada pela realidade brasileira e por seus modos de ser e fazer. Tornou-se essencial compreender não apenas os documentos oficiais do currículo, mas também o percurso histórico e teórico que consolidou o ensino de Arte no Brasil. A proposta pedagógica foi elaborada com base na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, priorizando, conforme o grupo, a faixa etária e o tema, os eixos da contextualização e da leitura de imagens.

O contexto brasileiro — no qual o ensino de Arte é componente obrigatório do currículo e ministrado por professores especializados — mostrou-se simultaneamente desafiador e enriquecedor. Essa realidade levou a estagiária a reivindicar uma postura mais artística em sua prática docente, construindo-se ao longo do percurso como *ar/tógrafa*. Iniciou timidamente, com registros fotográficos do processo pedagógico, avançou para a criação de uma instalação artística participativa e culminou com a curadoria de uma exposição que deu visibilidade às formas de ensinar e aprender mediadas pela arte.

Do ponto de vista pessoal, a vivência constituiu um exercício de humildade e coragem. As propostas foram desenvolvidas em uma língua ainda em processo de aprendizagem, com crianças inseridas em uma realidade cultural distinta e abordando temas frequentemente silenciados ou censurados. Ainda assim, houve acolhimento da escola, das crianças e de diversos professores, que demonstraram abertura e compromisso com a promoção de espaços de reflexão sobre gênero e diversidade.

Em síntese, essa experiência contribuiu para consolidar uma identidade docente crítica, criativa e comprometida, consciente de suas limitações, mas também de seu potencial transformador. As aprendizagens emergiram da escuta atenta do contexto, do diálogo com resistências e do exercício de colocar em jogo saberes em construção para elaborar experiências educativas que valorizem emoções, liberdade de expressão e justiça social.

As propostas implementadas, apesar de breves, abriram frestas em uma estrutura escolar que muitas vezes reproduz desigualdades. Acredita-se que semearam questionamentos capazes de florescer em futuras transformações. O desejo que permanece é o de que essa semente continue a crescer, alimentada pelo brincar, pela arte



e pelo pensamento crítico das crianças.

Referências

ABAD, Vergara. *A arte da performance na educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda. *Ensino da arte: entre práticas e teorias*. São Paulo: Cortez, 2010.

BROUGÈRE, Gilles . *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. *A Escola Nova: uma releitura necessária*. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (org.). *Pesquisa em educação: concepções e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 91-112.

CLARK, Lygia. *Lygia Clark: da obra ao acontecimento: nós o corpo no mundo*. Organização de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FERRARI, Pri. *Coisa de menino*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

IRWIN, Rita L. et al. *A/r/tography as living inquiry through art and text. Qualitative Inquiry*, Thousand Oaks, v. 12, n. 6, p. 1103-1116, 2006.

MOURA, Maria Lúcia de Oliveira. *Epistemologias do sul e pensamento decolonial: contribuições para a educação*. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. esp. 1, p. 53-68, 2016.

OTICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PAIVA, Angela. *Descolonizar a educação: epistemologias, práticas e políticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PETERS, L. L. *Brincar para quê? Escola é lugar de aprender! estudo de caso de uma brinquedoteca no contexto escolar*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92692>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PERALES, Ramón García. *La educación desde la perspectiva de género. Ensayos: Revista de la Facultad de Educación de Albacete*, n. 27, p. 1-18, 2012.

ROMERO SÁNCHEZ, María del Carmen; VASCONCELLOS, Marta Maria de Araújo. *Infâncias, arte e educação: provocando uma pedagogia da presença*. In: ROMERO SÁNCHEZ, María del Carmen; REZENDE, Fernanda Pereira (org.). *Infâncias, arte e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 17-34.

SALDAÑA, Dafne. Reorganizar el patio de la escuela, un proceso colectivo para la transformación social. *Hábitat y Sociedad*, n. 11, p. 185-199, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6695848>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SPRINGGAY, Stephanie; FREEDMAN, Debra (eds.). *Curriculum and the Cultural Body*. New York / Bern / Berlin: Peter Lang, 2007.

VECCHI, Vea. *Arte y creatividad en Reggio Emilia: el papel de los talleres y sus posibilidades en educación infantil*. Madrid: Ediciones Morata.

YNE, Lucia; MINERS, Paula. *Aninha e João*. Belo Horizonte: Lê Editora, 1999.

Notas de autoria

Débora Gaspar da Rocha é doutora em Artes e Educação pela Universitat de Barcelona. Atualmente é professora e pesquisadora na área de Didática da Expressão Plástica e membro do grupo de pesquisa GREPAI da Universitat de Girona.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4552950915461624>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6147-9241>

Maria Rejsek Graells possui dupla titulação em Educação Infantil e Primária com menção em Artes Visuais e Plásticas pela Universitat de Girona. Atualmente, é professora nas áreas de Educação Infantil e Anos Iniciais, sob a tutoria de Débora Gaspar da Rocha.

Currículo: www.linkedin.com/in/maria-rejsek-graells-003464385

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4077-5251>



Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

GASPAR, Débora da Rocha; REJSEK, Maria. Título do texto. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 12-26, 2025.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista **Sobre Tudo**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 25/09/2025

Aprovado em: 09/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

